

## **OS JARDINS NAS CIDADES ISLÂMICAS: A concepção de um paraíso terrestre**

The gardens in the Islamic cities:

Conception of an earthly paradise

Los jardines en ciudades islámicas:

La concepción de un paraíso terrenal

Chaïmae Bouchama, Doutoramento em Urbanismo em Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, bouchama.chaimae@gmail.com

### **RESUMO**

Os jardins islâmicos são, ainda hoje, um dos grandes ícones de beleza no mundo e um símbolo de criatividade. São um ambiente vivo e cultural que mostram, de igual forma, a inteligência dos criadores na resposta à desertificação em zonas áridas. Os jardins nas cidades islâmicas são um elemento relevante na composição morfológica da cidade. Neste artigo apresenta-se uma definição de jardins islâmicos e das suas origens, seguida de uma abordagem das suas características, nomeadamente a sua localização geográfica, os seus aspetos morfológicos, assim como o papel que desempenham na cidade e na comunidade. É feito também a comparação entre diferentes jardins islâmicos, observando as evoluções ao longo do tempo. A revisão do conhecimento histórico e da literatura tem o intuito de proporcionar uma compreensão da emergência deste modelo de jardim, das suas características e das transformações sofridas ao longo da expansão da civilização islâmica no mundo.

**Palavras-chave:** Jardim islâmico, Cidade Islâmica, paraíso, metamorfose do jardim.

B1\_Teoria e História da Cidade e do Território;

### **ABSTRACT**

The Islamic gardens are, even today, one of the great icons of beauty in the world and a symbol of creativity. They are a living and cultural environment that also show the intelligence of the creators in the response to desertification in arid zones. Gardens in Islamic cities are a relevant element in the morphological composition of the city. This article presents a definition of Islamic gardens and their origins, followed by an approach to their characteristics, namely their geographical location, their morphological aspects, as well as the role they play in the city and in the community. A comparison is also made between different Islamic gardens, observing their evolution over time. The review of historical knowledge and literature aims to provide an understanding of the emergence of this garden model, its characteristics and the transformations undergone during the expansion of Islamic civilization in the world.

**Keywords:** Islamic Garden, Islamic City, paradise, Garden metamorphosis

B1\_Theory and History of the City and the Territory.

### **RESUMEN**

Los jardines islámicos son, aún hoy, uno de los grandes iconos de belleza del mundo y un símbolo de creatividad. Son un entorno vivo y cultural que muestra igualmente la inteligencia de los creadores para responder a la desertización de las zonas áridas. Los jardines en las ciudades islámicas son un elemento relevante en la composición morfológica de la ciudad. Este artículo presenta una definición de los jardines islámicos y sus orígenes, seguida de una aproximación a sus características, a saber, su ubicación geográfica, sus aspectos morfológicos, así como el papel que desempeñan en la ciudad y la comunidad. También se hace una comparación entre diferentes jardines islámicos, observando las evoluciones a lo largo del tiempo. La revisión de los conocimientos históricos y de la literatura tiene como objetivo proporcionar una comprensión de la aparición de este modelo de jardín, sus características y las transformaciones que sufrió durante la expansión de la civilización islámica en el mundo.

**Palavras chave:** El jardín Islámico, Ciudad Islámica, Paraíso, Metamorfosis del jardín.

B1\_Teoría e Historia de la Ciudad y el Territorio;

## 1. Introdução

Este texto faz parte do desenvolvimento de uma tese de doutoramento em urbanismo, centrada nos jardins privados de Marrakech. Mas antes de abordar os jardins privados da cidade de Marrakech, é essencial observar primeiro o seu passado, mais precisamente o período da criação da cidade, pois esta foi pensada e desenhada com diversos conceitos aplicados num jardim. Portanto, o estudo da origem dos jardins islâmicos é importante para a estruturação desta tese.

Neste artigo, procura-se definir, de forma concreta, os jardins islâmicos e suas origens, em particular algumas das características relativas à sua génese, de estruturação e composição.

Na concepção islâmica original, o jardim é "um espaço vedado, um abrigo de proteção contra ataques do mundo exterior. É, portanto, uma necessidade, uma necessidade imperiosa". (Tournebize, 2018:33)

No entanto, para a existência destes jardins, é essencial a utilização da água, pois esta é fonte da vida, como também tem um grande papel estético. Sem ela, o principal elemento estruturante do jardim, a vegetação, não sobrevive. O jardim assume um papel de proteção contra o calor e o sol, pois as árvores oferecem refúgios de ensombramentos refrescantes. Daí a importância da água como elemento essencial dos jardins islâmicos.

Para compreender plenamente o cariz artístico dos jardins islâmicos e das suas estruturas, é necessário retroceder até ao período do nascimento do Islão, que é marcado pelo início da arte muçulmana. Esta análise permitirá compreender a formação e a evolução dos jardins islâmicos e da arte muçulmana em geral. Primeiro, entendendo a visão geral da religião e cultura muçulmana, que nos levará à compreensão dos jardins islâmicos e, mais especificamente, da rede verde de Marrakech (Gillo, 2006; Fadigas, 2020).

## 2. A influência do Islão

No Alcorão, o jardim é descrito como um conjunto de diferentes plantas, frutas, cores e sombras. Sempre em correlação com o elemento hídrico que surge em diferentes formas, como nascentes, rios e fontes. Assim, na visão islâmica, a imagem do paraíso é uma metáfora que alude a um jardim "perfeito" que reúne todos os elementos naturais e evoca a paz. Existem várias categorias de paraíso, o mais nobre e classificado no mais alto nível é o *Alfirdaws*, o paraíso elevado mais próximo da divindade, que é reservado para os profetas (Al Nasan, 2017).

São estes alguns dos motivos para a definição de um "paraíso" nos textos sagrados árabes e também andaluzes. Essa noção abstrata de paz, seja na composição do jardim ou na integração de elementos naturais é, o mais detalhadamente possível, representada nestes textos.

De acordo com as palavras de Deus no seu livro sagrado, o Alcorão, o papel do jardim e a razão de criar plantas não se limita ao valor funcional de constituírem fontes de alimento e alento, são também valorizadas para a afetação espiritual - a possibilidade de comunicar serenidade, calma e alegria para a humanidade.

*"A arquitetura islâmica distingue-se pelo que poderíamos chamar: a teoria do paraíso. Na tentação de encontrar jardins e paraísos terrestres em ambientes caracterizados por condições climáticas adversas."* (Al Nasan, 2017:11)

De acordo com a descrição do paraíso que surge no Alcorão, a referência aos prazeres sensoriais e morais, são como que uma forma de superar as duras condições do clima árido. Esses fatores influenciam a representação que os muçulmanos têm do ideal, em que se baseiam na construção de palácios e na organização dos jardins.

Em geral, os jardins refletem uma relação entre o homem e a natureza, no entanto, a concepção do desenho islâmico acrescenta outra noção de jardim, que alude ao paraíso e tenta representar certos valores islâmicos como a paz e a serenidade.

No Alcorão, a vegetação não tem apenas um forte simbolismo, têm igualmente benefícios vitais, estéticos e espirituais, não se limitando, assim, a ser meramente uma fonte de sustento e de produção de oxigénio. É neste sentido que o Alcorão afirma que, as plantas e os jardins, com as suas diferentes composições e cores podem surtir determinados efeitos nos seres humanos em termos morais e psicológicos, fazendo com que, em alguns casos, sirva como uma forma de tratamento eficaz para a depressão e outras doenças mentais (Al Nasan, 2017).

Alá, no seu livro sagrado não descreve apenas as almas que habitam os paraísos, mas enumera os diferentes tipos de vegetação; árvores de fruto, palmeiras, vinhas, oliveiras e caules. E, acima de tudo, ele menciona a importância da água e como este elemento desempenha um papel crucial na criação e nascimento da vegetação. Sem água, tudo será deserto (Al Nasan, 2017).

Deus mostrou a importância e o papel de cada planta mencionada no Alcorão, começando pela existência de uma planta semelhante a uma videira. O livro sagrado mostra a necessidade de haver uma linha de cerco feita por uma planta mais poderosa, nomeadamente a palmeira, ao redor da planta original, a fim de a proteger.

O desenho dos jardins deve ser feito de modo a conjugar áreas de proteção da planta original e áreas de cultivo, de forma integrada. Para que tudo isto seja possível, é importante ter uma rede de irrigação dentro do jardim para regar as plantas regularmente. O que novamente reforça a importância da água como elemento central da composição dos jardins.

Após a definição e descrição da organização do jardim no Alcorão, deparamo-nos com a teoria da concepção, em que o jardim é limitado geometricamente por um círculo: uma circunferência que define os limites, as linhas longitudinais expressam as plantas originais, as linhas transversais são as redes de irrigação e o espaço entre as linhas de intersecção será a área de plantação. (AL-BUKHARY, 2003; Al Nasan, 2017).

### 3. As tipologias dos jardins islâmicos

*“A beleza nasce da ordem, e a natureza só pode pretender despertar o sentimento de beleza depois de domesticada, enquadrada e ordenada. O jardim árabe é a representação perfeita. Baseia-se num traçado geométrico simples e quase sempre consiste em caminhos ortogonais que circundam os canteiros localizados abaixo. Nestes canteiros regularmente irrigados, a natureza pode desenvolver-se livremente; árvores e flores de todas as espécies misturam cores e cheiros no meio do canto dos pássaros”* (Wilboux, 2001:300).

A civilização islâmica trouxe mudanças dramáticas para a paisagem. Com a habilidosa aquisição e transporte de água, as terras áridas do Médio Oriente e do Norte de África, foram enriquecidas com verdejantes oásis artificiais, que não apenas transformaram a economia por meio de seus produtos agrícolas, mas também se tornaram uma poderosa forma de expressão cultural.

As técnicas utilizadas para alcançar essa transformação vieram dos antigos persas, romanos e mesopotâmios. As comunidades muçulmanas implementaram estes sistemas de forma mais ampla, por um conjunto complexo de motivações relacionadas com o sistema de propriedade da terra e de trabalho, leis de herança, tributação, crescimento urbano e uma visão idealizada da vida no campo (Ruggles, 2008).

O jardim islâmico nasceu da crença dos fiéis de Deus, pelo que Deus ofereceu aos seus fiéis, na vida após a morte, o Paraíso e uma vida perfeita. Conforme o Alcorão:

*“Anunciem aos que creem e praticam boas obras que terão jardins sob os quais correm os rios; cada vez que são presenteados com uma fruta da horta, eles dirão: «Isto é o que nos foi servido antes». Agora é algo parecido (só na forma); ali terão esposas puras, e ali habitarão para sempre”.* (SURAT ALBAQARA, Alcorão, 2:25)

*“Esta é a descrição do Paraíso que foi prometido aos piedosos: haverá rios de água sem cheiro, e rios de leite imarcescível, e rios de vinho delicioso para beber, e rios de mel purificado. E há para eles frutos de todos os tipos, bem como o perdão de seu Senhor. [Estes] serão como aqueles que se eternizam no Fogo e que bebem água fervente que rasga suas entranhas?”* (SURAT MUHAMMAD, Alcorão, 47:15, tradução feita pela autora)

Os jardins islâmicos são uma solução para combater o clima árido e conferir boas condições de vida à população. A localização do jardim islâmico está ligada à expansão do Islão, o que a torna algo vaga, mas considera-se que se encontra na região da Ásia, no Magreb e no lado mediterrâneo da Europa, no Andaluz peninsular. Entende-se, assim, que o ponto comum destas diferentes localizações é sempre a semelhança do clima.

Os jardins islâmicos concebidos desta forma mostraram inovação e desenvolvimento nas técnicas de concepção e de organização.

A maioria destes espaços é composta por hortas, jardim, passeio, áreas de observação, bem como um jardim botânico. A concepção deste jardim demonstra um sucesso de criação, uma vez que se apoia nas leis do equilíbrio e ambiente saudável para o homem. Constituiu um modelo exemplar em termos de adaptação climática e ambiental. E, em termos de método de cultivo, foi aprimorado a partir das técnicas de outras

civilizações (como, por exemplo, a romana) nas suas capacidades para transformar um lugar inabitável e desértico num lugar hospitaleiro e vivo, para fazer de um deserto um paraíso terreno (Ruggles,2008; Gharipour,2017).

A civilização islâmica espalhou-se pelo mundo e deixou vestígios deste conhecimento arquitetónico e paisagístico e culturas da China ao Magrebe até à costa mediterrânica. Foi desenvolvida e construída em diferentes locais e sob diferentes representações e em diferentes momentos (Gharipour,2017).

*"É que os jardins islâmicos são cultivados categoricamente como 'o jardim islâmico' ou termos multivalentes como o jardim que tem existido em vários tempos e lugares desta região a que chamamos 'o mundo islâmico'" (Gharipour, 2017:2).*

A cidade islâmica possui, em certa medida um ideal compositivo, nomeadamente nas áreas residenciais, semelhante à do jardim islâmico.

A cidade islâmica nasceu numa era marcada por uma dualidade de contextos, surgindo como uma cidade embrionária, ou como uma cidade apropriada pelo Islão, pelo Profeta Maomé, sendo que ambas as situações produziram mudanças significativas na reestruturação da cidade. Um exemplo deste último caso é *"Yathrib"* que é transformado na primeira cidade de carácter islâmico e imediatamente rebatizada para *"Medina"*. Esta cidade localiza-se a poucos quilómetros da cidade natal de Moamé, *Meca*. Durante esta mudança, o Profeta Maomé introduziu elementos simbólicos da religião, nas malhas existentes, como é o caso da mesquita, o que provocou mudanças graduais no traçado urbano da cidade, até se tornar costume (Al Nasan, 2017).

A cidade islâmica é definida por dois tipos de ocupação: uma que cobre uma urbanização pré-existente e outra que se estende por uma área desocupada e que, portanto, origina uma nova cidade. Ambas as formas de assentamento são, assim, definidas por uma base de características comuns, em relação à sua urbanização. Desta forma, apesar de estes traçados urbanos terem sido modificados, seguem o mesmo guia urbano e têm o mesmo objetivo. Neste sentido, a cidade islâmica, pode ser definida pelos elementos característicos destas cidades desenhadas segundo estas duas tipologias.

A concepção da cidade islâmica define o primeiro desenho de um lugar representativo da religião, e faz-se em torno de três grandes pilares, com um elemento central marcado pela presença da mesquita. Este espaço contém um pátio central com o elemento água, símbolo de vida e de higiene. Depois encontramos o mercado e, em último lugar, as zonas residenciais urbanas da cidade, que têm os seus próprios jardins privados, e se situam num local afastado das zonas agitadas (mesquita e mercado) por forma a preservar a segurança e a privacidade necessárias para o bom funcionamento da vida familiar, conforme com as regras sociais impostas pelo Islão (Torres Balbas,1995; Fadigas, 2020).

A composição urbana labiríntica da cidade emerge da ligação destes 3 elementos (mesquita, mercado e espaços residenciais), elementos fragmentados por ruas estreitas sem qualquer estrutura e organização predefinidas, devido à atribuição de maior importância ao espaço interior privado do que ao espaço exterior.

Os jardins árabes nas regiões do Iraque e na região de AL cham (الشام = bilad Al Cham = Cidade de Cham) constituem os primeiros desenhos dos jardins islâmicos, e à posteriori os árabes (a Dinastia Umayyad) influenciam as técnicas de irrigação e construção, quando chegam à Andaluzia, uma vez que reapplicaram as técnicas ancestrais locais. Foi neste desencadeamento que surgiram as primeiras noções de jardim botânico. No período entre 1526 e 1858 <sup>1</sup>os jardins mogóis são os primeiros desenhos na região asiática com a ideia de Paraíso, mas sob outra interpretação.

### 3.1. Os Jardins Árabe-Andalus/Maghrebe

O jardim árabe ou islâmico é o modelo baseado no Alcorão e foi aplicado primeiro pelos Abbasites: Os mesopotâmios, e os seus desenhos, integram heranças persas e romano-bizantinas ou conhecimentos para os desenhos dos seus palácios e da cidade em geral, a nova técnica é, neste caso, integrar o jardim ou o paraíso terrestre.

<sup>1</sup> Bilad Al sham é um nome dado para a Grande Síria ou o Mashreq que Meios o Oriente Árabe cujas fronteiras geográficas variam consideravelmente de acordo com as fontes, o Sensibilidades e Teorias. O Mashreq às vezes é reduzido para a região de cobertura : Síria, Líbano, Jordânia e Palestina, A verdadeira definição do Mashreq é o Levante, o oposto do Magrebe, que significa oeste e que também se refere à parte ocidental do norte de África.

Os jardins andaluzes e magrebes, nas cidades islâmicas da Andaluzia e do Magrebe surgiram com a chegada dos árabes em 711. Na Andaluzia, a dinastia Al Umayyad de Espanha surgiu depois de deixar Mashrek (Médio Oriente) com o objetivo de expandir o Islão. Pretendia-se, na altura, integrar as características da cidade islâmica na tipologia e no traçado já existente (Bolens, 1989; Fadigas, 2020).

Os jardins andaluzes são, de facto, conhecidos pela diversidade de elementos vegetais, sendo que têm tanto jardins de lazer, como jardins plantaço de fruta (jardins agrícolas), e jardins botânicos. Um exemplo de jardins árabes-magrebes são os jardins de Marraquexe (Fig.1).



Fig. 1: Jardim Agdal em Marrakech. Fonte: <https://mylittlekech.com/les-jardins-de-lagdal-marrakech/>

### 3.2. Os Jardins Timor e Mogol

O nome Mogol refere-se ao nome da dinastia Babur depois da vitória na Batalha de Pānīpat em 1526. Babur não era apenas um simples soldado, era também um artista, um arquiteto e um engenheiro. Os tipos de jardins islâmicos que desenvolveu na Índia têm uma forma representativa completamente diferente dos jardins islâmicos árabes-andaluzianos.

A forma tipológica do jardim islâmico, definido de forma simplificada, apresenta-se na forma de um (*chahrbagh*) quadrado quadripartido, com um eixo transversal. De acordo com o Alcorão, o paraíso é um lugar ajardinado (*Janna*<sup>2</sup>) com quatro rios, e muitos estudiosos interpretaram este texto como tendo sido o plano primordial do jardim islâmico terreno. Isto levou à presunção popular, de que o *Chaharbagh* coincidiu com o jardim islâmico (Fig.2).

O jardim *chaharbagh* ou quadripartito é a primeira interpretação do paraíso do jardim de acordo com a descrição do Alcorão, para os persas, Irão e Índia.

<sup>2</sup> *Janna* significa Paraíso em Árabe



Fig. 2: Jardim Mogol. Fonte: <https://www.pourlascience.fr/sd/botanique/un-jardin-qui-coule-de-source-9181.php>

Os Jardins Mogol foram projetados com dois objetivos: servir como mausoléu e ser usados como espaços de lazer. Numa primeira instância, a ideia do mausoléu não veio de tradições árabes ou persas anteriores, mas veio, provavelmente, da cultura e tradição da Mongólia ou mesmo da mitologia hindu. O edifício central foi usado para recepções e banquetes e depois sim, transformado num mausoléu, local de descanso/morada após a morte. O segundo objetivo é adaptar-se ao estilo islâmico de jardinagem e paisagismo para a criação de jardins de recreio (Abdul Latiff, Mohd Yaman, 2016).

Por fim, os dois modelos jardins árabe-andaluzo e magrebe, bem como os jardins mogóis mostraram um conhecimento das pessoas que o criaram. Os criadores de jardins islâmicos tinham conhecimento científico sobre plantas e métodos de cultivo. Os resultados dos jardins islâmicos presentes ao longo dos anos e até hoje comprovam e explicam de que forma o ambiente natural foi adaptado para se tornar um local de produtividade, e como um jardim é efetivamente um sistema socio-ecológico (Gharipour, 2017). Assim, os jardins islâmicos em geral acabam por ter a mesma função e critérios que serão citados ao longo do texto.

### 3.3. As características de um jardim Islâmico:

#### 3.3.1. Um lugar fechado

O jardim é um elemento simbólico para cada sociedade, de acordo com as suas representações próprias do espaço e a sua concretização. No mundo árabe e islâmico observamos estas conquistas da dinastia Mogol, na Alhambra ou nos lugares secretos de Bagdade de mil e uma noites. Inevitavelmente evoca o sonho de um espaço pacífico e secreto. Uma das funções e caráter de um jardim islâmico é, em primeiro lugar, um espaço limitado e privado, representado na forma de um retângulo delimitado por paredes e muralhas (Torres Balbas, 1995; Wilboux, 2001; Gillot, 2006; Fadigas, 2020).

Esta característica é, portanto, removida da descrição do Paraíso no Alcorão e nos Hadiths (as palavras do Profeta Maomé). Como citado no livro *Sahih Al-Bukhari*, e de acordo com *hadith*, relatado por *Sahl ben Saad*, o profeta diz: "Há no Paraíso oito portões, o chamado *Ar-Rayyan* é um deles. Só será atravessado por aqueles que estavam em jejum..." (Al-bukhary, 2003)." Este *Hadith* prova que o Jardim do Paraíso é um jardim privado, reservado e privilegiado.

#### 3.3.2. Um jardim em camadas e a sombra

O Jardim islâmico é inspirado no desenvolvimento de um oásis. Há um plano de sombra criado por árvores como palmeiras, ciprestes que desempenham o papel de barreira natural contra o sol, que protege a camada inferior constituída por flores (arbustos tipos hibisco, jasmim, louros, limoeiros...), que conferem ao ambiente perfumes agradáveis.

A organização da vegetação no jardim islâmico está diretamente relacionada com a descrição citada na parte da influência do Islão, no penúltimo parágrafo, onde é explicada a importância da existência de palmeiras e outras árvores de grande porte que protegem as árvores de fruto, de dimensão mais reduzida, e demais elementos vegetais. A sombra constitui assim, uma componente importante no desenho islâmico: os jardins

islâmicos têm sempre caminhos de sombra. A sombra confere proteção do sol e do calor. A tonalidade natural das plantas é totalmente explorada e a orientação de cada elemento é bem pensada. De acordo com *Anas ben Malik e Abu Hurayra*,<sup>3</sup> o profeta Moamé disse: “*Há no paraíso uma árvore cujo [espaço] não será atravessado, [mesmo] por uma pessoa veculada que anda à sua sombra durante cem anos*” (Al-Bukhari; 2003, tradução feita pela autora) e no Alcorão, Alá disse “*E entre as bananas com regimes bem abastecidos, numa sombra aplicada*” (Alcorão, Surat Al-Waqia: O Evento; 56.229,30).

### 3.3.3. Água: um elemento central

“*A água teve no passado, e continua a ter hoje, tanta importância que a sua história nos oferece uma boa leitura e permite compreender os processos que comandam o nascimento e o dever das sociedades locais.*” (El Faiz, 2002: 113).

*Na criação de mitos e religiões como a muçulmana e cristã, a água é considerada uma fonte de vida. De acordo com o Alá que mencionou no seu livro sagrado: através da água damos vida a todas as coisas.*<sup>4</sup>

A água nos jardins islâmicos é representada de diferentes formas, em jardins tradicionais como no caso de Agdals Marrakech, a água é apresentada sob a forma de bacias que são usadas para irrigação de hortas e pomares de Agdal.

Antes de regressarem à forma de apresentação da água, os árabes, durante a Idade Média, sentiram necessidade de descobrir formas de recolher água e transportá-la, uma vez que a localização das cidades islâmicas está quase sempre em zonas áridas, com escassez de nascentes e rios. Entre as diferentes técnicas do sistema de transporte há o exemplo de *la Khettara*, que é uma galeria de drenagem subterrânea que serve para a distribuição de água na cidade islâmica; depois a *saniya* (máquina de balde) e o canal de *seguia* (canal). Os Almoravids eram limitados na utilização do sistema *Saniya* com utilização de animais, mas estes sistemas de transporte permitiram ter água dentro de palácios e casas residenciais. A água pode ser representada por uma fonte no meio de um pátio ou por uma bacia de água, que divide o jardim em duas ou quatro partes e faz, assim, a separação da vegetação.

### 3.3.4. Um lugar de cultura e privilégio

O jardim islâmico era certamente um lugar social e um espaço habitado por diferentes tipos de pessoas. Foi, portanto, um local que serviu para relaxamento e caminhada que explica a primeira característica de lugares fechados e privados para os seus habitantes (Ruggles, 2008).

Dentro do espaço habitacional, com base na cultura islâmica, o jardim é privado, de uso exclusivo da família, uma vez que de acordo com o Alcorão, o Jardim se preserva à semelhança da mulher, que é descrita aqui como um tesouro a ser protegido e que não deve ser visto por estrangeiros.

O Jardim Islâmico, além de ser um lugar de cultura e privilégio, é também um local de inspiração para a arte da poesia, porque estas belas paisagens e jardins são estabelecidos pelo califado ou príncipes da dinastia Omyyad da Espanha na Andaluzia ou pela dinastia Almoravid em Marraquexe. O objetivo destes jardins é também mostrar riqueza, luxo e poder, mas é também um lugar inspirador para os poetas árabes, eles usam elementos paisagísticos para descrever e seus poemas são baseados em muitas metáforas (Schippers, 2005).

A vegetação na poesia refere-se quase na maioria dos poemas andalusianos a uma representação ou protótipo.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Anas ben Malik (612-712) é um dos companheiros em árabe (*Sahabi*) do profeta do Islão Mohamed. Escreveu as palavras. (*hadith*) do profeta, escreveu 1266 Hadith, 186 dos quais aparecem no livro *Sahih Al-Bukhari e Muçulmano Sahih*

Abu Hurayra (pai de um gato), seu nome verdadeiro Abd Al Rahman ibn Skhr Ad-Dawsi é um famoso *Sahabi* ou companheiro do profeta, é o principal repórter de Hadith, acompanhou o profeta pelo menos 4 anos, estima-se que tenha escrito através de 5374 hadith.

<sup>4</sup> VERSO QURAN , Surat Al anbiyae ( o profetas) 21:30

<sup>5</sup> Ibn Rum... em um dos sPoema muito conhecido no período andaluz, fala da superioridade do narciso sobre a rosa, no famoso poema (O Daliyyah), os temas mais importantes são os da rosa como representante de tudo o que é vermelho - por exemplo, a vermelhidão da vergonha ou o vermelho do rosto causado pela bebida .. (A. Schippers; 2005: 116)

## 4. Conclusão

As condições duras do clima árido tornam essencial, para a sobrevivência e subsistência da população, o acesso a recursos naturais como a água e os alimentos. Assim, o idealismo do jardim islâmico descrito nos textos sagrados e transposto para a realidade terrena, assenta sobre uma área de vegetação verdejante que rodeia e depende de um só elemento, a água. A cidade islâmica, por sua vez é desenhada à imagem do jardim islâmico ideal, sendo por isso o seu funcionamento e organização totalmente dependentes desse mesmo elemento nuclear do jardim, a água. Desta forma, a existência deste recurso hídrico no local da cidade ou mesmo a possibilidade de a conduzir até ao mesmo, torna tangível a conclusão de que a cidade islâmica depende deste recurso natural para a sua locação e expansão.

As técnicas antigas de transporte e recolha de água tornaram-se obsoletas para as necessidades atuais e, por isso foram introduzidas novas formas gestão do recurso hídrico na cidade islâmica, tornando o acesso à água mais facilitado. Anteriormente, a cidade islâmica, dependia de uma relação quase simbiótica entre a sombra, que permitia à água permanecer no estado líquido durante mais tempo e regular a temperatura perto do solo por modo a cultivar alimentos. Nos dias de hoje, a actualização das técnicas de irrigação da cidade, facilitaram o acesso a este recurso, no entanto as modificações impostas pelo processo de substituição dos meios de gestão da água, tornaram difícil a chegada desta às construções pré-existentes, nomeadamente as medinas onde existiam jardins privados. Denota-se um certo distanciamento para com as bases sagradas do desenho de uma cidade islâmica que se apoiava num desenho geométrico de espaços verdes em torno da água.

## Referências

- Abdul Latiff, Z., & Mohd Yaman, M. (2017). UMA REVISÃO DA TRADIÇÃO "ISLÂMICA" NO JARDIM DO MUGHAL: (RE)MOLDAR A NOSSA POSIÇÃO SOBRE ARTE E DESIGN ISLÂMICO. *PLANEAMENTO DO DIÁRIO DA MALÁSIA*, 15(1). <https://doi.org/10.21837/pmjournal.v15.i6.232>
- Al-Bukhary, traduzido por H. A. Imam A. A.M ben I. (2003). *O Sahih de al-Bukhary*.
- El Faiz, M. (2002). *Marraquexe: Herança em perigo*. Actes sud; O EDDIF.
- Bolens, L. (1989). Os jardins de Al-Andalus. Em C. Higounet (Ed.), *Jardins et vergers* (p. 7196). Pressions universitaires du Midi. <https://doi.org/10.4000/books.pumi.22497>
- El Tibi, Z. (2014). O lugar das mulheres no Islão. *Sociedade, Direito e Religião*, Número4(1), 59. <https://doi.org/10.3917/sdr.004.0059>
- Gillot, G. (2006). Do paraíso ao Parque dos Sonhos, jardins no mundo árabe: Damasco, Cairo, Rabat. *Anais de Geografia*, 650(4), 409. <https://doi.org/10.3917/ag.650.0409>
- Gharipour, M. (Ed.). (2017). *Jardins da Europa Renascentista e dos impérios islâmicos: Encontros e confluências*. A Pensilvânia State University Press.
- Al Nasan, M. H. (2017). *Quṣūr wa-ḍadāiq al-Andalus al-Ābīyah al-Islāmīyah: Dirāsah turāthīyah, atharīyah, āumrānīyah, jamālīyah* (al-Ṭab'ah al-ūlā). Dār al-Kutub al-Ōilmīyah.
- Ruggles, D. F. (2008). *Jardins e paisagens islâmicas*. Imprensa da Universidade da Pensilvânia.
- Carregadores, A (2005). O poesie da natureza em Andalus. *França Latina*. Revisão do estudo oc, 140 (1), 115-118
- Torres Balbás, L. (1985). *Ciudades hispanomusulmanas* (2a ed). Dirección General de Relaciones Culturales: Hispano-Arab Institute of Cultura.
- Tournebize, C. (2018). *Metamorfoses da ideia da natureza nos jardins*. O Harmattan.
- Wilbaux, Q. (2001). *A medina de Marraquexe: Formação dos espaços urbanos de um antigo capital de Marrocos*. O Harmattan.